

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO DE MODELAGEM DO VESTUÁRIO
INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

ESTELA ABELINO FERNANDES
ISADORA FOULETTO
MELISSA LIKES DECKER
POLIANA MARIA SCHMITT
SUYANNE ROSA

Adultização Infantil: a influência social no Município de Jaraguá do Sul

Jaraguá do Sul
2025

ESTELA ABELINO FERNANDES
ISADORA FOULETTO
MELISSA LIKES DECKER
POLIANA MARIA SCHMITT
SUYANNE ROSA

Adultização Infantil: a influência social no município de Jaraguá do Sul

Projeto de pesquisa desenvolvido em Metodologia da Pesquisa, do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *câmpus* Jaraguá do Sul – Centro, como requisito avaliativo de conhecimentos e preparação ao programa Conectando Saberes.

Orientadora: Kely Cristina Zimmermann

Jaraguá do Sul
2025

SUMÁRIO

1 TEMA.....	4
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	4
3 PROBLEMA DE PESQUISA.....	4
4 HIPÓTESES.....	4
5 OBJETIVOS.....	5
5.1 OBJETIVO GERAL.....	5
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
6 JUSTIFICATIVA.....	5
7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA.....	5
7.1 INFÂNCIA E ADULTIZAÇÃO PRECOCE.....	6
7.2. INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA.....	8
7.3 INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS.....	9
7.4 OUTRAS INFLUÊNCIAS.....	12
7.5 ADULTIZAÇÃO INFANTIL EM JARAGUÁ DO SUL.....	13
7.6 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS.....	14
7.7 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO.....	16
8 METODOLOGIA.....	17
9 CRONOGRAMA.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

1 TEMA

Adultização infantil: a influência social no município de Jaraguá do Sul.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Adultização infantil e a pressão dos meios sociais e do ambiente familiar influenciam nas crianças que moram atualmente no Município de Jaraguá do Sul.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Como, atualmente, em Jaraguá do Sul, as crianças enfrentam grandes dificuldades devido às pressões provenientes dos meios sociais e familiares, sendo constantemente comparadas umas às outras e incentivadas a antecipar etapas de sua formação pessoal e social, e quais são as consequências disto? Assim, levanta-se o questionamento sobre a inserção das crianças no Município de Jaraguá do Sul cada vez mais cedo no universo adulto, bem como as consequências no processo de desenvolvimento dessas crianças.

4 HIPÓTESES

- Os meios sociais e as mídias influenciam comportamentos e pensamentos das crianças, contribuindo para a perda precoce de aspectos da infância;
- A pressão do meio social, como no ambiente familiar e nas redes sociais, pode acelerar a adoção de comportamentos considerados adultos ;
- O desejo de autonomia e independência contribui para a adultização infantil;
- A comparação com colegas ou até mesmo familiares, espelhando suas personalidades nessas pessoas, acelera o amadurecimento de atitudes e posturas;
- A idealização do mundo adulto incentiva a vontade de crescer antes do tempo.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Investigar fatores que podem influenciar na adultização infantil no Município de Jaraguá do Sul desenvolvidas pelo ambiente familiar e pelos meios sociais.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar e compreender a adultização precoce: os conceitos e manifestações, através de pesquisa bibliográfica;
- Analisar a influência dos meios sociais (escola, cursos, ciclos de amizade) na adultização precipitada, por meio da aplicação de formulários com estudantes do ensino médio, e entrevista com especialista na área;
- Investigar como o ambiente familiar e a pressão do mesmo influenciam tais comportamentos e pensamentos precoces, a partir da aplicação de formulários com pais e responsáveis dos estudantes do IFSC (Campus Jaraguá do Sul), bem como com os próprios estudantes;
- Pesquisar e analisar os impactos das mídias sociais e o ambiente digital no comportamento infantil, através de formulários com estudantes do IFSC (Jaraguá do Sul - Centro) e entrevista com especialista;
- Analisar o impacto da adultização precoce no desenvolvimento e na vida futura das crianças, por meio de entrevista com especialista e análise bibliográfica.

6 JUSTIFICATIVA

Cada vez mais, vemos as crianças deixando de lado sua infância para ter atitudes e pensamentos consideradas como de adultos, o que muitas vezes causa problemas, como a dificuldade de se comunicar e de se relacionar socialmente, ansiedade, depressão e problemas de autoestima.

Vivemos na era da informação e da potencialização da tecnologia e, os excessos desse novo panorama influenciam a vida das crianças que se encontram em fase de

desenvolvimento. Isso porque a criança tem sua infância negada, vivenciando as mesmas experiências e problemas dos adultos. A infância é a fase da vida em que o ser humano forma as bases e os alicerces para todo seu desenvolvimento. É nela que a criança adquire valores éticos e morais que a acompanhará por toda sua vida, formando sua personalidade.

Por isso, é preciso investigar mais a fundo as causas dessa perda da infância, focando nas influências sociais e familiares, colaborando e estimulando mais debates e discussões sobre essa temática na sociedade jaraguense, onde mais estudos possam ser feitos acerca da “adultização” da infância e quais suas consequências para o processo de desenvolvimento infantil.

7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 INFÂNCIA E ADULTIZAÇÃO INFANTIL

Na Antiguidade e Idade Média, as crianças eram vistas como pequenos adultos, sem o devido reconhecimento de suas particularidades. Não havia um “sentimento de infância” e elas participavam da vida adulta, inclusive em situações de trabalho e violência.

Foi só a partir do século XV, com a invenção da imprensa, que começou a surgir uma separação entre o mundo adulto e o infantil, baseada principalmente na educação. No século XVI, passou-se a olhar para a criança com mais afeto, e no século XVII, ela passou a ocupar um lugar mais importante nas famílias.

No século XVIII, crianças começaram a ser retratadas na arte e a ser vistas como o centro da família. No século XX, a infância foi reconhecida legalmente como uma fase específica do desenvolvimento humano, com direitos garantidos por leis, como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo Menezes (2016, p. 6), “[...] a infância passou a ser considerada como um período de desenvolvimento humano com especificidades e necessidades diferenciadas apenas no início do século XX”. Foi nesse momento que a criança ganhou mais espaço na sociedade e começou a ser vista como uma etapa da vida que tem suas características próprias e que precisa ser tratada de acordo com suas peculiaridades.

Durante a infância, cada criança tem necessidades específicas e exige cuidados adequados ao seu momento de desenvolvimento. Mas há um consenso sobre o que é essencial nessa fase: brincar. Brincar é mais do que diversão: é uma atividade indispensável para o desenvolvimento da convivência social, da autonomia e da imaginação. Atualmente o cenário que conhecemos da infância está mudando e estamos presenciando essas transformações através de fatos que acompanhamos cotidianamente nos comportamentos das crianças, que se encontram cada vez mais acelerado em direção ao universo adulto (Firmino, 2021; Araújo, 2025; Kunch *apud* Castilhos; Leandro, 2018).

A infância é uma fase essencial para que o ser humano construa as bases emocionais, psicológicas e morais que o acompanharão por toda a vida. Quando se força a criança a assumir comportamentos típicos de adultos, como deixar de brincar ao ar livre para viver uma rotina mais parecida com a de um adulto, muitas vezes imposta pela família, ela perde experiências valiosas para o seu crescimento saudável, podendo causar uma “adultização” infantil, em que o desenvolvimento emocional não acompanha o intelectual, atrapalhando a formação de sua personalidade e gerando dificuldades na vida adulta (Firmino, 2021). Postman (1999, p. 12-13) afirma que “a linha divisória entre a infância e a idade adulta está se apagando rapidamente”: esta delimitação entre o universo infantil e o adulto, construída ao longo dos séculos, tem se tornado cada vez menos nítida. Este fenômeno tem sido impulsionado, entre outras influências, pelas campanhas publicitárias direcionadas às crianças, tratando-as como consumidoras e fazendo com que o público infantil deseje o que está sendo veiculado nas mídias, contribuindo, assim, para o fenômeno da “adultização”. No entanto, pela precocidade com que são inseridas nas relações de consumo, a criança - que não possui idade e maturidade suficientes para saber exatamente se necessita de tais produtos - apenas reproduz o comportamento que lhe é demandado pelo meio, como se fosse “obrigada” a aderir a tais atitudes.

Então, “Adultização” significa uma criança semelhante a um adulto, tanto nos aspectos físicos como no psicológico e social, como ressalta Araújo:

“Adultização: trata-se de um neologismo, está relacionado aos aspectos característicos de um ser adulto. O fenômeno da adultização precoce passa não só pela exposição das crianças a determinados temas como trabalho infantil, consumo, sexualidade, como também pela própria erotização da

imagem da criança, onde a mesma possui atitudes e características similares a de uma pessoa em sua fase adulta” (Araújo *apud* Castilho; Leandro, 2018)

A infância parece estar se perdendo. Este fato é revelado por Postman (1999, p. 18), onde alega que “Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos - mesmo a aparência física - de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis”. Esse fenômeno é preocupante e reflete o modelo de sociedade atual, em que a infância — já naturalmente uma fase curta do desenvolvimento humano — pode ser negligenciada ou até mesmo anulada em favor de uma entrada precoce na vida adulta.

Em entrevista à *UOL VivaBem*, a psicóloga Monique Luz destacou que “trazer o universo adulto para a criança, sem que haja a maturidade emocional para entender o que está acontecendo, faz com que ela fique vulnerável a qualquer tipo de informação” (Firmino, 2021).

7.2. INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

A família é a base para o desenvolvimento de toda criança e é a partir dela que a criança aprende como agir, sendo guiada em sua moral, ética, pensamentos críticos e autoimagem. De acordo com Silva e Dessen (2003): “[...] as interações estabelecidas no microssistema família são as que trazem respeito.”

O período da infância é caracterizado pela informação que é recebida; o adulto controla as notícias e as crianças recebem as informações de acordo com o que pode ser absorvido psicologicamente por elas. Essa é umas das características que faz com que ocorra a separação entre a infância e o mundo adulto, como relata Postman (*apud* Castilhos; Leandro, 2018).

Muitos pais, na tentativa de proteger os filhos da violência presente nas ruas, recorrem à televisão como forma de entretenimento e segurança, deixando as crianças por horas em frente às telas. Sem perceber, utilizam a TV como uma espécie de "babá eletrônica", acreditando estar fazendo o melhor para os pequenos. No entanto, essa prática pode trazer sérios prejuízos ao desenvolvimento infantil, já que a exposição prolongada a conteúdos muitas vezes inapropriados retira da criança momentos essenciais de brincadeira, convivência familiar e construção da identidade, além de

contribuir para o surgimento de comportamentos e problemas emocionais típicos da vida adulta.

Na adolescência, a necessidade de se encaixar e de ter uma certa aprovação das pessoas ao redor se intensifica, fase em que os jovens passam a conviver mais com seus pares do que com a família. Segundo Bee e Boyd (*apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021), “o adolescente está se esforçando para fazer uma transição lenta da vida protegida da família para a vida independente da idade adulta; o grupo de iguais se torna o veículo para essa transição”. As autoras destacam ainda que “os adolescentes começam a confiar principalmente em seus pares, em vez de seus pais” (Bee & Boyd *apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021). Esse afastamento da convivência familiar, aliado à intensa exposição nas redes sociais e à busca constante por validação externa, contribui para o surgimento de quadros de ansiedade. A perda do espaço íntimo e da orientação familiar torna os adolescentes mais vulneráveis à pressão social e à comparação com padrões idealizados, o que pode levar a distúrbios relacionados à autoestima e ao desenvolvimento emocional.

Como afirma Araújo (2016, p. 50): “[...] pais e famílias precisam estar em alerta e não permitir que sutilmente a infância passe despercebida, sendo ela uma fase cada vez mais curta na vida de nossas crianças”.

7.3 INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS

Vivemos atualmente em um mundo rodeado de informações, marcado pela tecnologia cada vez mais avançada, no qual os meios de comunicação despertam grande interesse do público infantil em relação ao consumismo. A mídia bombardeia diariamente as crianças através de propagandas que estão atreladas ao fenômeno de adultização infantil, fato revelado por Hensel (2015, p.16) em seus estudos

A mídia faz com que as crianças sintam-se incluídas na sociedade, pois a partir da mesma, estas têm acesso a vários assuntos. Por meio dela, o acesso à informação está cada vez mais fácil. Ela é atrativa por ser colorida, interessante e convidativa. Como a mídia faz parte do dia a dia das crianças, elas acabam sendo influenciadas por ela, imitando o que veem (HENSEL, 2015, p. 16).

Como afirma Freire (*apud* Graciani, 2010), “... o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que faz ser o ente das relações que é...”

Embora vivamos em uma sociedade marcada pela comunicação, o que se observa é um crescimento do individualismo. As crianças acabam sendo incentivadas a um uso massivo de tecnologias, o que contribui para a perda de experiências importantes de socialização, antes comuns e fundamentais para o desenvolvimento infantil. Com os avanços da tecnologia, as crianças estão tendo acesso a todos os tipos de informação, que antes eram controladas pelos pais e pela escola, entrando assim no mundo adulto.

Silva e Santos (*apud* Castilhos; Leandro, 2018) afirmam que “A mídia é chamada e é considerada o Quarto Poder, ou seja, o quarto maior segmento econômico do mundo, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui”. A mídia influencia até mesmo adultos, moldando valores e comportamentos de acordo com o que transmite.

Como já citado anteriormente, devido à falta de segurança em nossa sociedade, muitas crianças passam mais tempo diante das telas do que brincando ao ar livre, sendo expostas diariamente a uma grande quantidade de informações para as quais ainda não estão preparadas. Isso as torna mais vulneráveis à manipulação da mídia, que exerce forte influência ao exibir conteúdos inapropriados, como violência e sexualidade, em programas como novelas, seriados e filmes, muitas vezes fora dos horários ou das faixas etárias adequadas para sua exibição.

Além disso, percebe-se que a TV vem formando uma nova geração de consumidores. Atualmente, as crianças têm grande influência nas decisões de compra dentro das famílias, e isso faz com que se tornem cada vez mais consumistas.

Por meio de programas e propagandas, a televisão molda gostos, comportamentos e valores, criando uma geração de crianças cada vez mais consumistas e influenciadas por padrões impostos pela tela. Assim, a mídia não apenas informa e entretém, mas também educa e direciona, muitas vezes ocupando o espaço que deveria ser da família e da escola.

Já nas redes sociais, relações se sustentam por visualizações e curtidas, impulsionando a exposição da vida privada como forma de representar uma felicidade idealizada (Pereira *apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021). Aqueles que se destacam nesse cenário são acolhidos, mas quem não corresponde às expectativas

pode enfrentar indiferença ou até hostilidade (Lysardo-Dias *apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021. p. 197):

“As redes sociais digitais proporcionam um senso de perfeição, aqueles que a integram procuram expor à sociedade a felicidade individual que vivem, mas que pode não convergir com a realidade, com intuito de que a imagem oferecida atenda a demanda, para que de alguma forma possa se sobressair frente às inúmeras narrativas que tantos outros também publicam.” As curtidas e comentários são como sinais de recompensa, de que há aceitação naquele grupo, entretanto, corrobora para a construção de uma popularidade frágil e de um senso de identidade que se molda de acordo com as demandas das redes sociais e que é facilmente abalado, como um círculo vicioso, no qual a cada instante há a preocupação sobre o que postar, e se haverá tanta repercussão como as postagens anteriores. ”

Com as redes sociais, o senso de pertencimento passou do mundo físico para o digital, e a exteriorização da vida passou a ser uma característica desse pertencimento do mundo (Quintarelli *apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021).

O uso de redes sociais por indivíduos menores de 18 anos tem se tornado cada vez mais comum, e a superexposição de crianças e adolescentes a conteúdos incompatíveis com a faixa etária os torna vulneráveis a riscos como crimes, marketing direcionado e prejuízos à identidade e autoestima. Com a vida privada tornando-se pública, críticas nas redes sociais afetam emocionalmente crianças e adolescentes ainda em desenvolvimento (Brunelli et al. *apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021).

De acordo com o documentário *O Dilema das Redes* (*apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021), a partir de 2011 houve um aumento significativo nos casos de depressão e ansiedade entre crianças e adolescentes, especialmente entre meninas. Os índices de automutilação aumentaram 62% entre adolescentes mais velhas e 189% entre pré-adolescentes. Já os casos de suicídio subiram 70% entre meninas de 15 a 19 anos e 151% entre aquelas de 10 a 14 anos. Esses aumentos coincidem com a popularização das redes sociais, que emergiram em 2009, sugerindo uma correlação direta.

É necessário fazer um recorte de gênero, pois as cobranças relacionadas aos padrões de beleza e comportamento atingem mais intensamente meninas e adolescentes (Oliveira Junior; E.P. et al. *apud* Júnior; Branco; Trindade; Vasconcelos, 2021). O uso de filtros e edições para se adequar a padrões irreais impacta diretamente na autoestima, contribuindo para distúrbios emocionais. Essa geração de

nativos digitais, que teve acesso às redes antes mesmo do ensino médio, embora altamente conectada, revela-se mais ansiosa, frágil e deprimida.

Essa necessidade de aprovação se intensifica na adolescência, fase marcada pelo afastamento da família e maior influência do grupo de iguais. A constante comparação e a busca por padrões inalcançáveis fortalecem distorções da auto imagem e o vínculo entre aparência e aceitação social, tornando o corpo um objeto de validação digital. O cenário promovido pelas redes sociais favorece, assim, o surgimento de transtornos como depressão, ansiedade, distúrbios de imagem e até mesmo o suicídio.

7.4 OUTRAS INFLUÊNCIAS

Também é importante destacar a influência da desigualdade social, econômica e cultural, imbricada no desenvolvimento antecipado da maioria das crianças e adolescentes brasileiros. O desenvolvimento completo da criança — físico, psicológico, social e cultural — é comprometido quando, por necessidade de sobrevivência, ela é forçada a trabalhar, seja no meio rural ou urbano. Isso prejudica seu crescimento e maturidade futura, mesmo com as leis do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) com proteção contra o trabalho infantil (Graciani, 2010).

Nesse contexto, destaca-se a grave realidade do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, como ocorre, por exemplo, nas estradas, onde caminhoneiros e barqueiros aliciam meninas entre 7 e 14 anos, forçando-as a praticarem atos sexuais e provocando sua adultização e erotização precoce. A violência sexual infantojuvenil é um problema complexo e difícil de combater, pois está enraizado em uma cultura de violência histórica e estrutural. Esse tipo de violência também acontece dentro das próprias famílias, por meio de abusos cometidos por pais, padrastos ou pessoas próximas. Além disso, a atuação de pedófilos tem sido exposta até mesmo em instituições antes vistas como sagradas. É importante destacar que, embora essa situação acometa majoritariamente meninas, também há numerosos casos de abuso envolvendo meninos. Vivemos, hoje, um momento de ruptura desses padrões, em busca do fortalecimento dos direitos humanos como marco de avanço social. (Graciani, 2010).

Atualmente, o uso de substâncias como álcool, cigarro, maconha, cola de sapateiro, benzina e medicamentos psicotrópicos tem se tornado cada vez mais comum entre crianças e adolescentes, provocando mudanças significativas em seu comportamento. Diante disso, é responsabilidade da sociedade civil adotar medidas e acionar os órgãos competentes, a fim de que esses problemas de saúde sejam tratados de forma adequada e oportuna. É essencial enfrentar esses desafios, pois eles moldam padrões de comportamento, tanto individuais quanto coletivos, que influenciam diretamente a formação da identidade, da personalidade e do caráter, comprometendo o desenvolvimento pleno da cidadania ativa, das potencialidades dos indivíduos e da própria condição humana. (Graciani, 2010).

7.5 ADULTIZAÇÃO INFANTIL EM JARAGUÁ DO SUL

O mercado de moda infantil busca cada vez mais captar consumidores, assim criando produtos diferenciados que encantem seu público e influenciando as práticas de vestimenta da atualidade, materializadas na publicidade, nos programas de televisão, na internet, nas músicas e nos filmes. Dessa forma, incorporam-se elementos da moda adulta às roupas infantis, o que pode banalizar o corpo da criança e impactar negativamente a maneira como ela percebe a si mesma e seus papéis no mundo, além de interferir no desenvolvimento físico, motor e emocional (Neves, 2024).

Esse fenômeno não é exclusivo de grandes centros: no município de Jaraguá do Sul, que acompanha as evoluções tecnológicas, sociais e culturais e possui forte influência têxtil, também se observa um investimento expressivo em propaganda voltada ao público infantil. Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante discutir os efeitos da adultização da infância e a necessidade de estratégias de prevenção.

Os municípios têm papel fundamental no processo de prevenção da situação da adultização infantil, pois são eles os responsáveis por implementar as políticas públicas que alcançam diretamente as crianças e suas famílias. Por isso, é essencial que as ações voltadas à infância estejam presentes em todos os planos de governo (Ballalai, 2024).

No município de Jaraguá do Sul, o diálogo e a disseminação de informações ainda são as formas mais eficazes de prevenir e identificar situações de adultização

infantil. A cidade conta com a Lei Municipal nº 7.301/2016, que estabelece a Política de Atendimento à Criança e ao Adolescente e define a estrutura e o funcionamento do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, CMDCA, bem como do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, FMDCA (Sistema LeisMunicipais, 2023).

Em parceria com organizações da sociedade civil, o poder público promove diversas ações de conscientização, como:

- Campanhas educativas em escolas e espaços públicos;
- Palestras e workshops para pais, educadores e profissionais da saúde;
- Distribuição de materiais informativos com orientações sobre prevenção e canais de denúncia.

As escolas municipais de Jaraguá do Sul adotam uma abordagem centrada na criança, reconhecendo-a como sujeito histórico e de direitos. Todas as ações pedagógicas são planejadas com base nas interações e brincadeiras, que constituem os eixos fundamentais da Educação Infantil. O objetivo é proporcionar experiências significativas, respeitando as especificidades da infância. A partir dessas vivências, são realizados registros que acompanham o desenvolvimento das crianças, promovendo reflexões contínuas sobre a prática pedagógica (Jaraguá do Sul, s.d.).

7.6 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS

A adultização precoce pode provocar ansiedade e estresse, pois a criança é exposta a demandas além de sua capacidade de desenvolvimento. Ariès (1981) destaca que a infância é uma construção social, e quando crianças assumem responsabilidades prematuras, seus limites emocionais são desrespeitados. Vygotsky (1991) reforça que desafios inadequados à zona de desenvolvimento proximal podem comprometer o crescimento saudável. Ao assumir papéis típicos de adultos, como cuidar de irmãos, lidar com questões financeiras ou enfrentar problemas familiares, a criança é privada do tempo e do espaço necessário para vivenciar plenamente sua infância. Essa sobrecarga emocional pode comprometer seu bem-estar psicológico, afetando não apenas a saúde mental no presente, mas também o seu desenvolvimento a longo prazo.

Quando submetida à adultização infantil, a criança tende a desenvolver uma percepção distorcida de si mesma, acreditando que não é boa o suficiente por não conseguir corresponder aos padrões e expectativas tipicamente impostos aos adultos. Essa inadequação gera sentimentos de inferioridade e frustração, contribuindo para o enfraquecimento da autoestima. Além disso, ao ser colocada em situações que envolvem conflitos familiares, dificuldades financeiras ou outras tensões do mundo adulto, ela passa a se sentir responsável por resolver problemas que estão além de sua capacidade ou controle. Essa falsa responsabilização gera um profundo sentimento de culpa e uma sobrecarga emocional que não apenas compromete seu desenvolvimento psicológico, mas também interfere na construção de uma identidade saudável e segura (Postman, 1999).

A criança que passa por um processo de adultização precoce pode ter dificuldade de se conectar com outras de sua faixa etária, sentindo-se deslocada por não compartilhar os mesmos interesses, brincadeiras e experiências típicas da infância. Muitas vezes, ela já não vê mais sentido em brincar, pois sua mente está tomada por preocupações e responsabilidades que pertencem ao mundo adulto. Essa desconexão social e emocional interfere diretamente no seu desenvolvimento afetivo. Por não vivenciar etapas essenciais da infância, como brincar, experimentar e expressar livremente suas emoções, essa criança pode desenvolver relações interpessoais desequilibradas no futuro. A ausência dessas vivências fundamentais compromete o amadurecimento da empatia, da criatividade e da estabilidade emocional, dificultando tanto o entendimento de seus próprios sentimentos quanto a capacidade de lidar com os sentimentos dos outros.

A sobrecarga emocional e as responsabilidades atribuídas precocemente à criança impactam diretamente sua capacidade de concentração nas aulas e até mesmo no cumprimento de tarefas escolares em casa, prejudicando o processo de aprendizado e, conseqüentemente, o desempenho escolar. Esse acúmulo de pressões, vivenciado em uma fase em que a mente ainda está em formação, gera um cansaço emocional que não se limita à infância, mas se estende até a vida adulta. Ao crescer carregando o peso de experiências para as quais não estava preparada, a criança pode desenvolver fadiga mental crônica, insegurança e dificuldade em estabelecer limites saudáveis. Na fase adulta, esses efeitos tornam-se ainda mais evidentes e,

diante de novos desafios, podem servir como gatilho para o surgimento de transtornos emocionais, como a ansiedade, especialmente quando essa carga vem sendo suportada desde os primeiros anos de vida (Enumo; Ferrão; Ribeiro, 2006).

Outra consequência, relacionada à erotização infantil, é a exposição precoce a conteúdos sexuais (Childhood Brasil, 2022), que podem levar a criança a problemas de saúde mental, sexismo e objetificação, violência sexual e outros impactos negativos (UNICEF, [s.d]).

7.7 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

A infância deve ser respeitada como uma fase única de desenvolvimento. É essencial que a rotina da criança seja equilibrada, com tempo suficiente para brincadeiras, descanso e convivência social. O excesso de tarefas e compromissos pode gerar estresse e atrapalhar seu desenvolvimento emocional (Ariès, 1981).

Outro ponto importante é o monitoramento do conteúdo que a criança consome. Mesmo programas considerados “infantis” podem conter mensagens inadequadas, como sexualização precoce, padrões de beleza irreais ou comportamentos que não condizem com sua idade. É papel dos responsáveis supervisionar esses conteúdos e orientar a criança sobre o que é apropriado.

As crianças dominam a tecnologia melhor do que muitos pais e professores, tendo acesso fácil a diversos conteúdos. No entanto, ainda não estão emocionalmente prontas para lidar com tudo isso sozinhas. Por isso, é papel da família e da escola orientá-las, para que a adultização precoce não prejudique seu desenvolvimento, como ressalta Araújo (2016, p. 45), “A família, por ser a instituição mais próxima das crianças, tem a responsabilidade de protegê-las em seu convívio familiar. Não podemos aceitar a neutralidade e nos conformarmos, é preciso ampliar debates em um âmbito social”. A família tem a responsabilidade de preservar a infância, de dialogar com as crianças sobre as informações que recebem, as campanhas publicitárias, para que elas desenvolvam o senso crítico, pois não se pode controlar o acesso às mídias, desse modo cabe aos pais ensinar as crianças a pensar e refletir sobre os meios de comunicação social.

Postman destaca:

“[...] a tentativa de controlar o acesso da mídia aos filhos. Há, de fato, duas maneiras de fazê-lo. A primeira é limitar o tempo de exposição das crianças à mídia. A segunda é monitorar cuidadosamente aquilo a que estão expostas e fornecer-lhes continuamente uma crítica corrente dos temas e valores do conteúdo da mídia. Ambas são muito difíceis de fazer e requerem um nível de atenção que a maioria dos pais não está disposta a dar à criação dos filhos”(Postman (*apud* Castilhos; Leandro, 2018.)

Na faixa etária dos 7 aos 10 anos, as amizades ganham importância, e as crianças podem adotar atitudes precoces para se encaixar em certos grupos. Por isso, é fundamental observar com quem elas se relacionam e como essas influências afetam seu comportamento.

Manter um diálogo aberto e constante é uma das melhores formas de prevenção. Quando a criança confia nos adultos, ela se sente mais segura para compartilhar suas experiências e preocupações. Além disso, o exemplo dos pais é essencial; atitudes equilibradas e hábitos saudáveis dentro de casa contribuem para uma infância mais protegida e saudável.

Segundo a psicóloga Renata Moraes Constante, citada no site SEGS (2023), “procurem retomar hábitos e costumes que permitam à família aproveitar a infância dos filhos de maneira saudável... Invistam em brinquedos adequados para a idade, aqueles que são simples e permitem que a criança seja a protagonista. Tentem diminuir o uso de telas e eletrônicos e incentivem o convívio com outras crianças, frequentando espaços lúdicos, como parques e praças. E, acima de tudo, dediquem tempo de qualidade em família, conversando e orientando os filhos”.

Precisamos ficar atentos ao comportamento das crianças, o diálogo e a orientação são essenciais para que elas consigam formar opiniões concretas sobre as informações que vierem a receber. Este projeto deve envolver tanto a família como a escola; é preciso repensar as atitudes e comportamentos: não se pode permitir a perda da infância - a criança merece proteção a fim de ter o seu mundo infantil preservado.

8 METODOLOGIA

A pesquisa adota os moldes de estudo teórica bibliográfica de cunho qualitativo, sendo conceituada por Gamboa (2009, p. 43) como aquela que “seu propósito

fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno”. O intuito do trabalho é incitar mais debates acerca desta temática de modo a refletir sobre a influência da família e dos meios sociais na adultização infantil.

Ao longo do processo, as informações obtidas serão comparadas, organizadas e interpretadas em diferentes dimensões, permitindo uma análise integrada das contribuições dos estudantes, familiares e especialistas. Essa abordagem favorece uma investigação contínua e coletiva, voltada para a identificação de problemas, a escuta ativa dos sujeitos e a construção de possíveis caminhos para a melhoria da educação e da relação entre escola, família e comunidade.

Através de um estudo explanatório, por meio de uma abordagem principalmente qualitativa, buscamos identificar o impacto dos meios sociais no fenômeno da adultização infantil, com foco na influência familiar e midiática, e investigar como esses impactos são refletidos nas crianças que moram em Jaraguá do Sul. Para isso, é pretendido a utilização da pesquisa bibliográfica e da pesquisa empírica, com os seguintes procedimentos: formulários por amostragem com estudantes do ensino médio do IFSC de Jaraguá do Sul; pesquisa por amostragem com pais e responsáveis e entrevista com um especialista na área da educação e/ou psicologia infantil. A quantidade de pessoas das amostragens será analisada e decidida conforme às situações. Os dados qualitativos coletados serão analisados e, a partir dessa análise, serão estabelecidas relações entre as falas dos participantes e os referenciais teóricos utilizados na pesquisa, buscando comprovar as hipóteses propostas no início do trabalho.

9 CRONOGRAMA

ETAPAS	Ago/25	Set/25	Out/25	Nov/25	Dez/25
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X
Revisão do projeto a partir da avaliação da banca	X	X			
Revisão da fundamentação teórica (Roteiros de entrevistas e questionários)	X	X			

Aplicação das entrevistas		X	X		
Transcrição das entrevistas			X	X	
Aplicação do questionário	X	X			
Análise e síntese dos dados			X	X	X

ETAPAS	Fev/26	Mar/26	Abr/26	Mai/26	Jun/26
Escrita do Relatório	X	X	X	X	
Pesquisa de observação	X	X	X		
Aprovação da pesquisa					X

REFERÊNCIAS

- ALANA. **Adultização precoce**. Acesso em: 30 maio 2025.
- ARAUJO, Eduardo. **Adultização infantil: entenda o que é e as principais causas**. *Blog Mania de Brincar*, 6 mar. 2025. Acesso em: 30 maio 2025.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BALLALAI, Luciana Assad Luppi. **Processos Estruturais Na Efetivação De Políticas Públicas Infantojuvenis**. Londrina, PR: Editora Thoth, 2024.
- BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. **Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 3, p. 579–590, 2003. Acesso em: 30 maio 2025.
- CASTILHOS, Grasiela Pereira da Silva de; LEANDRO, Janeide da Silva. **A inserção da criança no mundo do adulto: reflexões sobre o processo de adultização infantil**. *Trilhas Pedagógicas, Araras*, v. 8, n. 8, p. 165–175, ago. 2018. Disponível em: <https://fatece.edu.br/arquivos/arquivos-revistas/trilhas/volume8/11.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.
- CHILDHOOD BRASIL. **Erotização infantil: o que é isso?**. Childhood Brasil, [s.d.]. Acesso em: 30 maio 2025.
- DÍEZ, Fernando Ruiz. **Quem foi Jean Piaget, psicólogo que propôs 4 etapas do desenvolvimento infantil**. *BBC News Brasil*, 28 out. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0rgnwkr12lo>. Acesso em: 30 maio 2025.
- ENUMO, Sônia Regina Fiorim; FERRÃO, Erika da Silva; RIBEIRO, Mylena Pinto Lima. **Crianças com dificuldade de aprendizagem e a escola: emoções e saúde em foco**. *Estudos de Psicologia, Campinas*, jun 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/ZWYqq3MJtmPWY5WZzsKBChz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- FIRMINO, Carol. **Adultização infantil leva à dificuldade de socialização e baixa autoestima**. *UOL VivaBem*, 02 jun. 2021. Acesso em: 26 maio 2025.
- Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FADC). **Adultização infantil: o que é e quais os riscos para as crianças?**. Acesso em: 30 maio 2025.
- GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 7. Ed. São Paulo, Cortez, 2009.
- GRACIANI, Maria Stela Santos. **O “fim” da infância?** Sesc São Paulo, 20 de out. 2010. Disponível em:

https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/5511_TEMPO+DE+BRINCAR. Acesso em 22 ago. 2025

HENSEL, Laís Carla. **Influências Da Mídia No Desenvolvimento Infantil**. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Setor de Ciências Humanas, Unijuí – Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Santa Rosa, 2015.

JARAGUÁ DO SUL, Prefeitura. **Apresentação - Educação Infantil**. *Prefeitura Jaraguá do Sul*, SC, [s.d]. Disponível em: <https://www.jaraguadosul.sc.gov.br/apresentacao-educacao-infantil>. Acesso em: 28 ago. 2025.

JUNIOR, Edno Pires de Oliveira; BRANCO, Emanuele Rodrigues; TRINDADE, Milena Tarcisa; VASCONCELOS, Vinícius Matheus Gewehr. **Os impactos das redes sociais no comportamento socioemocional de crianças e adolescentes**. *Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia (UFSC)*, p. 189–213, 2021. Disponível: <file:///C:/Users/ifsc/Downloads/4727-Texto%20do%20artigo-16169-1-10-20210403.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

MENEZES, S. M. M. **A adultização da Infância pela mídia: uma leitura sócia histórica**. *Revista Psicologia*, ano 16, n. 2, p. 1-15, abr. 2016.

MORENO, Valeria; MACHADO, Maria Cleide; VIEIRA, Caroline. **A socialização da infância na contemporaneidade: a adultização e suas implicações**. *Revista Psicologia e Sociedade*, 2023. Acesso em: 30 maio 2025.

NESTLÉ. **Adultização infantil: o que é e como lidar**. *Nestlé Baby & Me*, 2022. Acesso em: 30 maio 2025.

NEVES, Tattiany Menezes de Oliveira. **Moda infantil e a descaracterização da infância: Uma análise crítica sobre a indumentária infantil e seu impacto no desenvolvimento da criança**. *Universidade Estadual de Goiás*, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ueg.br/jspui/bitstream/riueg/6535/2/TC%20-%20Tattiany%20Menezes.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.

SEGS, Central Press. **Infância acelerada: dicas para proteger crianças da adultização**. *SEGS Portal Nacional de Seguros, Saúde, Info, Ti, Educação*, 2023. Disponível em: <https://share.google/jfH96KZxfQNsPoesY> Acesso em: 30 maio 2025.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família**. *Interação em Psicologia, Curitiba, Paraná, Brasil*, v. 6, n. 2, 2003. DOI: 10.5380/psi.v6i2.3304. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3304>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SILVEIRA, Fabio Netto; BREI, Wesley; FLORES-PEREIRA, Marisa. **Crianças como pequenos adultos? Um estudo sobre a percepção da adultização na**

comunicação de marketing de empresas de vestuário infantil. *Trilhas*, Jaraguá do Sul, v. 8, n. 11, p. 1-14, 2013. Acesso em: 30 maio 2025.

SISTEMA LEISMUNICIPAIS. Lei Municipal nº 7 301, de 2016. **Dispõe sobre a política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente; estabelece a estrutura e funcionamento do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.** *Sistema LeisMunicipais*, 15 jun 2023. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/jaragua-do-sul/lei-ordinaria/2016/730/7301/lei-ordinaria-n-7301-2016-dispoe-sobre-a-politica-de-atendimento-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-estabelece-a-estrutura-e-o-funcionamento-do-conselho-municipal-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-cmdca-do-fundo-municipal-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-fmdca-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 28 ago. 2025.

TERRA. **Querer pertencer é natural, mas cuidado com o desequilíbrio.** *Terra*, 27 abr. 2022. Acesso em: 30 maio 2025.

UNICEF. **Proteção das crianças contra os impactos nocivos da pornografia.** Unicef Brasil, [s.d.]. Acesso em: 30 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Gritos do silêncio: TikTok e crianças — exposição e adultização nas redes sociais.** *UFSM*, 22 jul. 2024. Acesso em: 30 maio 2025.